

## ***O REI QUE NÃO SABIA DE NADA: RUTH ROCHA E A LITERATURA INFANTIL***

*Dayane Aparecida Ferreira da Silva (G-UEMS)*

*Tiago da Silva Fernandes (G-UEMS)*

*Estela Natalina Mantovani Bertoletti (UEMS)*

### **RESUMO**

No contexto da literatura infantil e juvenil brasileira, Ruth Rocha destaca-se pela abordagem de temas sociais, relativizando as verdades absolutas, questionando o conformismo e a obediência a ideais consagrados pelo poder. Portanto, pretende-se fazer uma apresentação geral da escritora e discutir a natureza emancipatória de *O rei que não sabia de nada*, compreendendo o porquê de esse texto ser considerado um marco na literatura infantil e juvenil. Analisando aspectos da “configuração textual” (MORTATTI, 2000; MAGNANI, 2001) do livro, verificou-se que a estrutura narrativa e uso da linguagem poética compuseram os preceitos para definir o que vem a ser um livro literário para o público infantil.

**Palavras-chave:** Ruth Rocha. Literatura Infantil. Leitor.

### **Introdução**

A leitura é um instrumento essencial na vida do homem, pois sua aprendizagem e prática possibilitam ampliação do conhecimento de mundo imprescindível para o desenvolvimento pessoal e cultural do ser humano, indispensável para que as pessoas possam desenvolver plenamente suas capacidades humanas, exercer seus direitos, participar da sociedade.

Compreendendo a importância da leitura de gêneros literários para a formação de leitores e formação humana, que deve, assim, iniciar-se na educação infantil, realizou-se esse trabalho de pesquisa, analisando o livro *O rei que não sabia de nada*, escrito por Ruth Rocha, em 1980, em sua 1ª edição, acreditando que nele foram abordados temas sociais relevantes para o momento em que foi escrito e significativos até os dias atuais. A autora trata de problemas sociais de forma a levar os leitores a indagarem sobre esses problemas.

Essa análise baseia-se nos elementos da configuração textual: o quê, quem, como, onde, quando, por que, para que, e, para quem esse livro foi escrito, explicitada por Mortatti (2000) e Magnani (2001), para diagnosticar os sentidos da citada obra literária, tendo em vista que a leitura de um livro deve ser feita em sua totalidade, torna-se necessário analisar todas as partes que o compõem.

A opção pela análise do livro *O rei que não sabia de nada*, de Ruth Rocha, justifica-se pelo fato de essa autora ser considerada de renome e pelo título da obra ter chamado a atenção para esta reflexão: será que um rei não sabia de nada? Além disso, ao que tudo indica, esse é uma livro a ser uma referência aos educadores que trabalham a leitura em salas de aula da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que propicia ao leitor a fruição de emoções e uma gradativa conscientização dos valores, ainda mais em um mundo tão competitivo, no qual o amor tem-se perdido.

## 1. Sobre a autora<sup>1</sup>

Ruth Machado Louzada Rocha é uma das maiores escritoras de Literatura Infantil do Brasil. Nasceu em 02 de março de 1931, em uma família de classe média, na cidade de São Paulo. Em 1953, graduou-se em Sociologia e Política, na Universidade de São Paulo, onde se formou socióloga e é pós-graduada em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ruth trabalhou durante anos como orientadora pedagógica do Colégio Rio Branco. Em 1967, participou da criação da revista *Recreio*, da Editora Abril, na qual teve suas primeiras histórias publicadas a partir de 1969, a saber: *Romeu e Julieta*, *A Borboleta*, *Meu Amigo Ventinho*, *Catapimba e Sua Turma*, *O Dono da Bola*, *Teresinha e Gabriela*, seus primeiros textos de ficção. Aos 45 anos de idade, em 1976, publicou o primeiro livro, *Palavras, Muitas Palavras*; teve influência de Monteiro Lobato.

Está no mercado há mais de 35 anos. Desde então já teve mais de 130 títulos publicados. As histórias de Ruth Rocha estão espalhadas pelo mundo, traduzidas em mais de 25 idiomas. Sua ficção mais famosa é *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*, da Editora Salamandra, que já vendeu mais de um milhão de cópias. Em 1980, recebeu o prêmio do *Jornal Auxiliar* pelo livro *O rei que não sabia de nada*. Em 1995, lançou o Dicionário Ruth Rocha. Ganhou os mais importantes prêmios brasileiros destinados à Literatura Infantil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil<sup>2</sup>, um exemplo deste caso é *O reizinho mandão*, em 1978, que representou o Brasil na exposição “O livro de história e as crianças”, na Grécia, em Atenas, em 1979; cinco Prêmios “Jabuti”<sup>3</sup>. Participou da “Ciranda do livro” da Fundação Roberto Marinho – Hoechst/Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da lista de honra do prêmio Hans Christian Andersen, em 1980, considerado o Nobel da Literatura para crianças – o mais importante da literatura infantil mundial. Desde 25 de outubro de 2007 é membro da Academia Paulista de Letras.

Alguns livros de Ruth Rocha são: *O Trenzinho do Nicolau*; *O Nicolau Tinha Uma Idéia*; *Azul e lindo planeta Terra, nossa casa*; *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*; *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, esta é uma adaptação da Declaração Universal dos Direitos do Homem para o público infantil; *Gabriela e a titia*; *Este admirável mundo louco*; *Uma história de rabos presos*; *Atrás da porta*; *História das mil e uma noite*; *Historinhas malcriadas*; *A menina que aprendeu a voar*; *O que os olhos não vêem*; *Como se fosse dinheiro*; *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*; *Pra que serve?*; *As coisas que a*

<sup>1</sup> Informações sobre a vida de Ruth Rocha obtidas nos sites: BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/biografia/RuthRocha.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2009.

PRÊMIO jabuti 2009 recebe inscrições. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2009/03/20/premio-jabuti-2009-esta-com-inscricoes-abertas>>.

Acesso em: 14 nov. 2009.

*Ruth Rocha*. In: WIKIPÉDIA, a Enciclopédia Livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth\\_Rocha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruth_Rocha)>. Acesso em: 14 nov. 2009.

<sup>2</sup> A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) foi criada em 1968, representante no Brasil do International Boards on Books for Young People – YBBY (Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil), órgão da Unesco. Recebe uma média de 800 novos títulos infantis e juvenis por ano. Todos são examinados por 49 membros de vários Estados, entre eles, especialistas em Literatura Infantil e Juvenil, bibliotecários, livreiros e professores. De 150 a 200 desses títulos são classificados como altamente recomendáveis e quinze deles são premiados, com o intuito de divulgar os livros de qualidade.

<sup>3</sup> O prêmio Jabuti é mais que um prêmio literário. Foi criado entre os anos de 1957 e 1958 por Edgar Cavalheiro, com o objetivo de prestigiar e difundir o trabalho de escritores, editores, livreiros, ilustradores e gráficos, nos moldes do que se fazia em vários países da Europa. De lá para cá, o Jabuti ganhou prestígio e reconhecimento, agraciando grandes nomes da literatura brasileira, entre eles, Ruth Rocha.

*gente fala; De repente dá certo; O reizinho mandão; Sapo vira rei vira sapo; Tenho medo mas dou um jeito; O Rei que não sabia de nada.*

Ruth Rocha demonstra que o mundo pode ser representado numa história bem feita, de maneira que se perceba o elemento real do assunto tratado; os enredos são criativos. Usa uma linguagem coloquial e lúdica; as ilustrações são ricas em detalhes, com humor e ironia contagiante que cativam definitivamente o leitor.

Ana Maria Machado, amiga de Ruth Rocha, também contribuiu para o sucesso de Ruth Rocha, pois aquela leu um livro escrito por Ruth a dois editores da Salamandra, e desde então Ruth Rocha se tornou pessoa fundamental para fazer parte dos livros da editora Salamandra, uma vez que esta adota títulos que comovem, despertam o prazer em ler e contribuem para a reflexão do leitor.

Convém lembrar os trabalhos dos editores, uma vez que a editora Salamandra é de renome, conquistando cada vez mais leitores, e dos ilustradores, o quanto criativas são as imagens. Escreve de forma simples, com uma linguagem familiar e aproxima o leitor em um clima envolvente e afetuoso, mas não é uma linguagem fácil e artificial; é bela. Os significados são polissêmicos, não sendo, portanto, estáticos ou parados, uma vez que, como Perrotti (1995, p. 77) menciona:

[...] do ponto de vista da literatura infantil, quer dizer que as mensagens por ela veiculadas devem ser instigantes a ponto de desafiar o leitor, propor-lhe problemas cujas soluções dependeriam de sua habilidade em jogar, de sua capacidade criativa para dar respostas a situações novas, de suas idiossincrasias. O prazer está intimamente associado a essa espécie de jogo-desafio.

A autora instiga o leitor a percorrer novos caminhos, estabelecendo, assim, um jogo relacional com múltiplas possibilidades de leitura e interpretação, evidenciando a necessária reflexão sobre outras armadilhas do mundo contemporâneo, com características lúdicas que permitam ao leitor criar e recriar sua própria história.

## 2. Sobre o livro

O livro *O rei que não sabia de nada*, de Ruth Rocha, encontra-se em sua 2ª edição, no ano de 2003. Apresenta em sua capa, as ilustrações de um rei sentado em uma poltrona, olhando para a mão direita; tal ilustração está em tamanho grande; é colorida, sendo o desenho do rei nas cores vermelho e amarelo; há a ilustração de um ministro tocando violão. nas cores vermelho e amarelo, em tamanho um pouco menor do que a do rei; a ilustração de Cecília, nas cores vermelho e preto; da mãe de Cecília nas cores amarelo e preto, do pai de Cecília nas cores verde e preto, estas três gravuras estão juntas. O título é colocado quase que no meio da capa, de forma centralizada; as letras são grandes, na cor branca, a primeira inicial é maiúscula; já o nome da autora é escrito acima do título, centralizado, com a mesma tonalidade do título, as letras estão em maiúscula e um pouco menores que as do título. As ilustrações são de Carlos Brito. O título é de grande importância, pois faz com que os leitores imaginem, de forma lúdica, afinal... o que interessava ao rei?, uma vez que o rei não sabia de nada. O símbolo da editora encontra-se no canto esquerdo da capa, no rodapé. A capa dá ênfase ao rei, haja vista que a figura dele é grande, porque representa autoridade e poder sobre os demais. (ROCHA, 2003)

A quarta capa possui um comentário, de forma centralizada, em letra pequena. Logo abaixo vem escrito: “Ruth Rocha. 35 anos de muita história para contar”. No lado esquerdo, abaixo, está o símbolo da editora e o nome da editora. No lado direito, no rodapé, encontra-se

o código de barras.

Na contracapa, vêm algumas ilustrações. É apresentado na página de rosto o nome do livro e a figura do rei. No verso da página de rosto vêm as Referências. Este foi editado na cidade de São Paulo. Como já mencionado, *O rei que não sabia de nada* se encontra em sua 2ª edição e 30ª impressão. Na folha seguinte, na página de rosto, é mostrado o nome da autora, o título da obra, a indicação do ilustrador, Carlos Brito, 2ª edição, 30ª impressão, o símbolo e o nome da editora (Salamandra). No verso desta folha começa a história: “Era uma vez em um lugar muito longe daqui... Neste lugar tinha um rei, muito diferente dos reis que andam por aqui” (ROCHA, 2003, n. p.), o que leva a pensar que não era o que ocorria no período em que foi escrito.

O livro apresenta meia mancha de cada folha: menos da metade da folha é escrita, mais da metade contém ilustrações. Há uma história divertida contada por Ruth Rocha, na forma de textos curtos, o que não leva a crer que seja um livro curto. A trama é direcionada a leitores de todas as idades, não pelo fato de que a obra não tem sugestão de faixa etária, mas é evidente que a maturidade leitora de cada criança é que deve determinar a escolha dos livros que lhes são adequados e também “O bom livro seria lido tanto pela criança como pelo adulto” (GÓES, 1984, p. 3).

O livro *O rei que não sabia de nada* traz a história de um lugar muito longe daqui, que tinha um rei muito diferente de todos, pois tinha ministros muito preguiçosos, que fingiam que trabalhavam. Para piorar a situação, descobriram uns cientistas que inventaram uma máquina que fazia de tudo e convenceram o rei a comprar a máquina, para que ela fizesse todos os serviços dos seres humanos; colocaram a máquina para funcionar e tomar conta de tudo e os ministros foram cuidar de suas vidas. Como é verificável neste trecho:

Aí os ministros acharam ótimo descobrir essa máquina. E levaram para o rei, e fizeram o maior cartaz da descoberta.

O rei gostou muito e achou que aquela máquina ia resolver todos os seus problemas. Seus, dele.

Não seus, seus (ROCHA, 2003, n. p).

No trecho, a autora leva os leitores a refletirem: a máquina iria resolver os problemas de quem? Mas sabe-se que como toda máquina sempre tinha uns problemas, ela começou a fazer um desarranjinho aqui, ali, e, de repente a cidade começou a ficar de “pernas pro ar”, e o rei que não sabia de nada, achou que estava tudo tranquilo. Os ministros que tinham aparecido com a máquina, morriam de medo de que o rei descobrisse o que se passava. Então, enganavam o rei e mencionavam que estava tudo tranquilo, e o rei acreditava, porque ele também não tinha muita vontade de saber o que acontecia.

Quando o rei ia passear, para ver como estavam as coisas, os ministros só levavam-no para os lugares arrumadinhos, onde a máquina ainda não tinha feito nenhum estrago. Mas certo dia, o rei quis ir para outro lado, onde as coisas estavam “bem feias”, e os ministros mandaram pintar telas com paisagens bem bonitas, com plantações e tudo verde e colocaram uns ciganos disfarçados para fingir que eram os habitantes e quando o rei passasse iriam bater palmas e jogar flores. Porém, atrás das pinturas, estavam uns meninos jogando bola, e num dos chutes acertaram uma pintura e todas as paisagens caíram, e foi a “maior correria”; o rei descobriu toda a verdade e saiu correndo com medo de que os habitantes furiosos o pegassem.

Esqueceu a sua coroa e todo traje de rei e se escondeu na floresta. Foi achado perto da casa da família de Cecília, personagem fundamental para a transformação daquele reino, dando uma boa utilidade para a máquina que só fez estragos e lá foi descoberto que ele era o rei e toda a verdade sobre o que os ministros fizeram. O avô de Cecília contou ao rei que

segiu o conselho do velho e deixou o reinado por conta do povo; despediu os ministros e o castelo virou parque de diversão. E o reino foi consertado:

E o reino foi consertando, consertando, e até hoje o povo de lá lembra desta história e trabalha contente, porque está resolvendo todos os seus problemas. Seus, deles, e seus, seus [...]. (ROCHA, 2003, n. p).

Nesse texto, Ruth Rocha finaliza a história demonstrando que, por meio da autonomia do reinado, o povo resolve os problemas de todos, e não apenas como fora afirmado no início, apenas os problemas do rei, e depois reafirmado em um tom de ousadia: de que prevaleciam certos interesses, então, estes deveriam ser atendidos, a saber, os desejos do rei.

A autora dá voz ao idoso, à mulher e à criança, pessoas tantas vezes caladas na nossa sociedade. Deste modo, no momento da arrumação do reino, cada um de alguma forma pode contribuir: o avô desliga a máquina, o pai despede os ministros, a mãe fecha o castelo e a irmã de Cecília resolve chamar todo mundo para dar uma ideia, pois “[...] uma porção de cabeças trabalham muito melhor que uma só” (ROCHA, 2003, n. p.). Com o trabalho e a união de todos, o povo foi resolvendo seus problemas.

Imprescindível convir que *O rei que não sabia de nada* é uma obra atenta à realidade social, leva à imaginação, propõe novas questões e faz o leitor pensar. Por ser um gênero literário, a literatura infantil é uma arte destinada às crianças (GÓES, 1984), mas os adultos também podem e devem ler, ainda mais em um mundo onde a violência está por toda a parte e há a ausência de fraternidade, portanto, a leitura desse gênero propicia a formação humana, pois mexe com a sensibilidade e atua no subjetivo de cada pessoa, suprimindo a necessidade fictícia, uma vez que a literatura como arte que é, dá prazer. Neste sentido, Candido (1972, p. 804) ressalta “[...] a literatura como força humanizadora, [...] exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”.

Por ser uma obra escrita por adultos e destinada às crianças, a autora não busca palavras que sejam mais fáceis, nela, a criança não é tratada como um ser menor, inferior; a autora acredita que a criança é capaz de chegar a conclusões, de ter posições para criar um comportamento, já que o livro é uma forma de enriquecer o vocabulário. Dessa forma, Ruth Rocha valoriza a criança como um ser inteligente e dotado de espírito crítico. Portanto, a obra não é para um leitor passivo, nem está cheia de simplificações; é para um leitor ativo e transformador que dialoga com o texto e se identifica com os personagens. A leitura do livro exige, portanto, um leitor curioso, que não se deixe levar pelas armadilhas lançadas, pois a democracia e liberdade são bens difíceis de se conquistar.

No trecho que segue, é possível observar a ousadia da irmã de Cecília:

Uma porção de cabeças trabalham muito melhor que uma só. Assim a gente vai descobrir uma maneira de consertar os estragos que o senhor fez.  
Que eu fiz, não - disse o rei ofendido.  
Não fez, mas deixou fazer – disse – Por isso eu acho melhor o senhor ir pra casa descansar, que o senhor está com uma cara muito cansada. (ROCHA, 2003, n. p).

É uma criança curiosa e esperta em quem o desejo de mudança é despertado desde cedo, fazendo com que outras crianças se coloquem no lugar da irmã de Cecília.

Insta salientar que a primeira edição do livro foi publicada em 1980, ainda no período da ditadura militar. Período em que “[...] a produção de livros infantis e juvenis [...] cresce vertiginosamente e consolida-se em termos de mercado editorial, em quantidade e também em qualidade de propostas em ficção, poesia e livro de imagem”. (SERRA, 1998, p. 31).

Os temas abordados no livro são característicos do momento político vivido pelo país

An. Sciencult	Paranaíba	v. 3	n. 1	p. 41-48	2011
---------------	-----------	------	------	----------	------

na época, são eles: a estratificação social, o poder, a inexistência de preocupações econômicas e sociais pela autoridade, ou seja, o governante que desconhece as dificuldades do povo; é observável no livro o desinteresse do rei com os direitos da população. É notório também os temas ausentes à época e que a autora aborda, dentre eles, a liberdade, a democracia, temas implícitos numa mensagem educacional sem didatismos pedagógicos ou moralismos, todavia, educando de forma plena, espontânea, bela, emancipatória, não inculcando valores, mas os trabalhando de forma incisiva. A “Emancipação é o processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo. Trata-se da formação do sujeito capaz de se definir e de ocupar espaço próprio, recusando ser reduzido a objeto [...]”. (DEMO, 2006, p. 78). Emancipatória de modo que o sujeito se torne parte ativa no processo.

Isentas de preocupação pedagógica, as histórias implícitas a cada trecho encerram conhecimento, ficção e diversão. É um texto literário que não se pauta pelo pragmatismo, mas que mostra como a literatura pode derrubar certas "armadilhas" que limitam a visão do mundo. Nessa mesma linha de raciocínio:

Nega-se com isso qualquer discurso dirigido à criança e ao jovem que se caracterize pela normatividade. Todo discurso que implícita ou explicitamente diga ao leitor: você deve fazer isto ou você não deve fazer isto. Tal discurso, ainda que se pretenda literário está longe disso e serve para justificar a desconfiança com que os círculos mais exigentes olham a literatura infantil. Os estereótipos acabam se confirmando e mais uma vez ficam prejudicados literatura e leitor. E aqueles que trabalharam por uma causa – dar dignidade à literatura infantil e promover o leitor – acabam atuando contra sua própria causa, e para seu próprio desespero. (PERROTTI, 1995, p. 81).

Ao ler *O rei que não sabia de nada*, o indivíduo repensa situações que ocorrem na vida real e passa a reagir de forma mais crítica a partir dos valores por ela apresentados, a questionar normas que regem a sociedade sob uma perspectiva que considera a construção do leitor enquanto sujeito ativo, sem perder a pose em cada uma de suas admiráveis páginas ilustradas. Só a literatura pode contribuir para isso, pois acredita no potencial do seu leitor, não subestima sua inteligência e criatividade. As palavras têm poder comunicativo. É um trabalho gráfico de qualidade; as ilustrações dialogam com o texto, o leitor tem contato com a obra de forma imaginária e criativa. Com efeito, Sandroni (1998) descreve:

Outro componente importante na produção editorial para crianças e jovens é a ilustração. Num mundo em que o visual tem função preponderante sobre o texto através dos meios de comunicação de massa, o livro infantil não poderia deixar de aperfeiçoar seus aspectos gráficos a fim de competir no mercado, como objeto de consumo que é. Por outro lado, é importante lembrar que num país onde o analfabetismo continua desafiando planos e campanhas governamentais e em que a maior parte dos que ingressam na rede oficial de ensino provém de famílias que não aprenderam a ler, a linguagem pictórica tem valor próprio e, no processo de elaboração da linguagem, tem papel primordial [...]. (SANDRONI, 1998, p. 24).

Pela análise dessa citação, tem-se que o desenho contribui significativamente para um maior envolvimento do leitor com a leitura de obras literárias, além de contribuir para o desenvolvimento da formação leitora inicial da criança. Diante desses pensamentos, o humor e a fantasia estão presentes nas linhas e entrelinhas do texto, o leitor se identifica com os personagens, porém este envolver não é superficial; “o leitor mora dentro do texto”.

Na história analisada, quem solucionou os problemas da população não foi nenhum herói, foram as próprias pessoas, conscientes de seu papel como grupo social ativo que construiu a possibilidade de mudanças; uma metáfora para refletir que é possível “derrotar” o

governo militar por meio das lutas, de ideias, mas que cabe também para reflexão quanto à sociedade atual: a de que se deve lutar pelos direitos, cabendo a indagação: “será que realmente os presidentes estão preocupados com o seu povo?”, assim, fica claro o quanto este clássico é significativo. É preciso destacar que

Solidificando-se nos anos 80, a partir do novo processo de modernização da sociedade, com sua débil redemocratização e contínuas tentativas de chegar a uma economia de escala, sem inflação e com a aspiração de garantir o bem-estar social a setores mais amplos da sociedade, a literatura infantil brasileira definiu seu próprio sistema de produção e de circulação de bens culturais, a partir da demanda de um público cativo – o escolar – e do estímulo estatal à empresa privada. (BORDINI, 1998, p. 44).

Assim, o livro analisado por nós consiste em uma metáfora para mencionar o contexto em que estava inserido; uma forma de expressão indireta, para que a autora não fosse censurada e como forma de criticar suavemente a realidade pela qual passava o povo. Não obstante, Bordini (1998, p. 38) assevera “[...] através do mundo mágico dos livros infantis, puderam desacreditar os valores que sustentavam a política de linha dura dos militares, de certo modo induzindo uma geração a pensar por si e a desconfiar de idéias que matam [...]”. Confrontar opiniões é colocá-las à prova, debater com outros é, assim, um aprendizado, emancipação constante, que precisa começar cedo.

É um livro recomendado para todos, pelo fato de ser arte, que aguça a imaginação e nos favorece a remoção de barreiras, por intermédio do lúdico. A leitura desse gênero possibilita ao leitor construir uma identidade que faz com que este seja contestador e menos reproduzidor de ideias exploradoras. Porém, “[...] nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, literatura infantil. Há, no mercado, muita gratuidade e produções que não vão além do lugar-comum estético e ideológico”. (CADEMARTORI, 1986, p. 18).

### **Considerações Finais**

Ruth Rocha começou a escrever quando ainda predominava a Ditadura Militar no Brasil. Deixa sua marca na história brasileira como alguém que escreveu quando a obrigação era apagar; que gritou quando a ordem era calar. A autora utiliza a linguagem para resistir ao governo e faz dela seu meio de resistência e contestação, mostrando aos seus leitores as relações de poder em uma sociedade, que, como é sabido, era proibido denunciar os mandos e desmandos dos governantes brasileiros.

Mesmo assim, o governo não conseguia calar a todos, dentre eles, Ruth Rocha, que escreveu no momento em que era imposto o silêncio, uma vez que durante o período, as pessoas não podiam expressar-se, não podiam dizer o que queriam sobre o governo, denunciar a censura, mas a autora em questão resistiu a essas imposições, por meio da literatura infantil, mesmo sendo considerada um gênero “menor”.

Vale lembrar que ela foi orientadora pedagógica, portanto, temos uma escritora que viveu a prática pedagógica, tendo uma bagagem cultural que contribuiu para o bom resultado do livro, além de ter recebido vários prêmios. Tematizou os problemas brasileiros levando o pequeno leitor à reflexão e à crítica.

O livro de literatura infantil supre no homem a necessidade do fictício, pois atua na fantasia, pelo fato de atingir o interior de cada ser, por ser esta, plurissignificativa. É por meio da fantasia, da linguagem verossímil que o indivíduo se completa, constrói sentimentos e conhecimentos como ser humano. A forma como a autora organiza as palavras age na

sensibilidade de seus leitores.

Torna-se relevante ressaltar que esse livro não é utilitário, ou seja, ela não tem objetivos implícitos e moralizantes, porém faz com que os leitores se divirtam e imaginem de forma lúdica temas sociais relevantes. Coelho (1974, p. 22) esclarece que a literatura “É a cúpula das artes: produz a emoção da Beleza através da palavra. A sua essência é a poesia”, em outras palavras, forma o ser humano não com padrões estabelecidos, formativos, pedagógicos, e fixados de modo à privação do senso crítico, da autonomia ou da liberdade de expressão.

Convém lembrar que essa criação ficcional e poética atua de forma subconsciente e inconsciente nas camadas profundas da personalidade, ampliando o conhecimento e a experiência humanos e a conquista dos valores, das ideias e da criatividade, aguçando os meios de expressão, enriquecendo a visão de mundo ao despertar o senso crítico. Convém destacar que “A literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade” (CADEMARTORI, 1986, p. 23).

Por conseguinte, a análise foi feita mediante a configuração textual explicitada por Mortatti (2000) e Magnani (2001), analisando todos os elementos do texto, e verificou-se que é uma obra escrita por adulto para criança, mas que todos podem ler.

## Referências

- BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil dos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D' Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.
- CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Braziliense, 1986.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, n. 24, v. 9, set. 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, n.36, p.11-17, dez. 2000.
- PERROTTI, Edmir. Um discurso colonizado(r): reflexões sobre a literatura infantil. In: CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1995.
- ROCHA, Ruth. *O rei que não sabia de nada*. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2003.
- SANDRONI, Laura. De lobato a década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D' Angelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.
- SERRA, Elizabeth D' Angelo. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: mercado de letras, 1998.